



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CLAUDIA REGINA BONALUME

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-872

Entrevistadores: Cláudia Regina Bonalume

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Belo Horizonte

Entrevistadores: Mayara Cristina Mendes Maia e William Charles Osório Gomes

Data da entrevista: 16/06/2018

Transcrição: William Charles Osório Gomes

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 18 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação em Educação Física; Atuação no Ministério do Esporte; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Atuação na gestão de políticas públicas em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul; Atuação no Ministério do Desenvolvimento Agrário; Avaliação de políticas públicas de esporte e lazer; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Relevância das políticas públicas de esporte e lazer; Esporte e lazer como direito social.

Belo Horizonte, 16 de junho de 2018. Entrevista com Cláudia Regina Bonalume a cargo dos pesquisadores William Charles Osório Gomes e Mayara Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Bom Cláudia, você poderia nos falar como iniciou sua trajetória no lazer?

C.B. – Então, eu sou professora de Educação Física, formada pela Universidade de Caxias do Sul e fui professora da rede municipal de ensino de lá. É, a partir de ser professora e da minha militância política também, porque eu fui trabalhar na Secretaria, na época Departamento de Esportes e Lazer da Prefeitura de Caxias, inicialmente com relações comunitárias porque tínhamos uma proposta de um trabalho mais próximo da realidade local, das comunidades onde a gente atuava e depois acabei sendo diretora desse Departamento de Política Pública de Esporte e Lazer e Secretária. Nessa época, isso foi no início dos anos 2000, a gente começou a desenvolver um programa lá que era muito próximo ao que o PELC¹ hoje, nós tínhamos uma diretriz que cada equipamento de esporte que a gente construísse na cidade precisava se pensar com a construção uma animação desse espaço. Aí nós começamos a construir e íamos ouvir a comunidade, o que ela tinha interesse, problematizava, porque senão a comunidade sempre reporta a criança, algumas brincadeiras para as crianças e alguma coisa para os idosos. Aí a gente problematizava, tentava diversificar, contratávamos geralmente estagiários do curso de Educação Física ou de alguma área que dialogasse com o lazer também. E construímos com essa comunidade uma grade horária e desenvolvíamos atividades sistemáticas e depois alguns eventos sistemáticos também, então, fizemos isso por toda cidade onde tínhamos cerca de sessenta núcleos espalhados em que a gente fazia esse trabalho. Em 2004, quando eu saí da Secretaria de Esporte e Lazer eu voltei para a escola, mas aí... Em 2005 fui para a escola e 2006 fui chamada pra atuar no Ministério do Esporte e fui atuar justamente no PELC, porque nesse período que eu estava na prefeitura e o governo federal começou a construir o programa. A gente dialogava com a equipe que estava no Ministério do Esporte, dando sugestões, dando algumas ideias.

M.M. – Esse programa tinha algum nome?

C.B. – Tinha, ele se chamava Núcleos de Atividade de Lazer Comunitário.

M.M. – É nesse momento que iniciou a sua caminhada junto ao Ministério? E como você conheceu o PELC?

C.B. – Quando a equipe que assumiu o Ministério do Esporte em 2004, eu estava na prefeitura, a gente montou o grupo que acompanhava o trabalho que era feito pelo Ministério. Então tinha Caxias do Sul, Porto Alegre, o estado do Mato Grosso do Sul e a gente foi participando da construção do PELC, dando algumas sugestões, então de certa forma estava junto [risos]... Embora eu não estivesse no Ministério, vamos dizer assim, que o Ministério bebeu da fonte das nossas experiências da época para construir o PELC. Então a gente meio que... Quando vinha a proposta pronta a gente já não gostava muito de algumas amarrações por conta da parte administrativa federal que a gente não conhecia aquilo porque na municipal era diferente. Eu dizia “Mas o que é isso? Por que daquilo? Por que está querendo que eu compre tal coisa se eu já tenho?” Isso era pela padronização que eles tinham que estabelecer no Ministério.

M.M. – É bom que você tem a visão dos dois campos, tipo agora que você está do lado de cá... [risos]

C.B. – Isso, passei por vários lados.

M.M. – E como foi a sua entrada para o Ministério do Esporte, qual foi sua primeira função lá?

C.B. – Eu fui convidada pela professora Rejane² quando ela foi para o Ministério, fui para ser Chefe de Gabinete dela. Então fiquei uns dois, três anos como Chefe de Gabinete e depois com a saída da Andréa³ que era a diretora do Departamento de Políticas Sociais do Esporte e Lazer eu fui para a função coordenando mesmo o PELC, que foi quando a gente

¹ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

² Rejane Penna Rodrigues.

³ Andréa Ewerton Nascimento.

iniciou esse processo com a UFMG³ para qualificar as formações. Ela já existia, mas tinha muita polêmica com os órgãos de controle sobre a forma que a gente contratava ou não, porque a gente mandava um recurso para a entidade contratar formador, mas a gente queria que ela contratasse alguém que dialogasse com as diretrizes do PELC, porque senão ela contrataria uma pessoa que poderia implementar um programa que não dialogasse com as diretrizes que a gente tinha definido. Então essa foi uma preocupação porque muitos programas, tanto federais como municipais, quando a gente idealiza, a gente acha que ele vai acontecer como a gente idealizou lá na ponta. Mas se a gente não tiver junto lá, não é assim que vai acontecer.

M.M. – É, porque precisa de uma mudança de consciência, às vezes eles já carregam uma ideia de lazer e de esporte que...

C.B. – E aí, assim, às vezes me chamavam professor que nunca tinha dialogado com aquilo e acabava dando um rumo completamente diferente do que se esperava para o programa. Então a gente foi percebendo isso, começou a tentar alinhar e a reunir os formadores, construir programações e acabamos chegando na UFMG que foi o grande salto nessa parceria para que a gente, de fato, pudesse ter alguém que nos ajudasse a alinhar o rumo das formações.

M.M. – Agora qual a função que você ocupa?

C.B. – Então, depois disso eu acho que é importante mencionar, eu sai do Ministério do Esporte em 2012 e fui para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, para eu fui para os direitos humanos. E nessas áreas eu tive oportunidade de ver o quanto o lazer é invisível para população do campo, para as políticas das mulheres, as pessoas com deficiência. Para o adolescente e para o idoso, até não tanto, eles demandam mais essas legislações, daí eles já preveem lazer, as outras não. Então, a partir disso eu comecei... Com a saída definitiva do governo em 2016, final de 2016, eu comecei a querer voltar a estudar e estudar justamente isso, por que o lazer entra ou não na agenda desses outros movimentos? E foi aí

³ Universidade Federal de Minas Gerais.

que eu entrei pra fazer doutorado aqui na UFMG e o Helder⁵ me chamou de volta para atuar na coordenação do PELC e então voltei para o PELC [risos].

M.M. – Então você está como coordenadora...

C.B. – Isso, como coordenadora da formação, uma das coordenadoras da formação.

M.M. – E nesse cargo quais são as funções que você ocupa?

C.B. – É de organizar encontros de formadores. Eu tenho dois articuladores que eu sou responsável pela coordenação deles que é no caso, o Nordeste e o Sul: a Léo⁶ e o Coriolano⁷, então quando eles têm alguma dificuldade ou alguma programação específica eu sou o elo entre eles e a universidade aqui, no caso para a gente encaminhar as questões. Agora todos os encaminhamentos desse encontro de formadores a gente vai olhar o que eles nos trouxeram e vai ver o que tem que dialogar com o Ministério, o que tem que dialogar, o que nós temos que elaborar pra qualificar. Ajudamos a organizar publicações e as atividades que dizem respeito mesmo a coordenação mais pedagógica, não é a parte administrativa.

M.M. – E vocês também atuam na implementação de núcleos do PELC?

C.B. – Não, essa parte é tudo do Ministério, a única coisa que a gente faz é, assim, a parte que os formadores precisam contribuir com relação a isso, mas eles entram quando os núcleos estão prontos pra ser implementados enquanto parte administrativa. Então o Ministério cuida, seleciona o parceiro, a gente às vezes contribui no sentido, por exemplo agora, fazer uma análise pedagógica do projeto. Porque, assim, você olha o projeto ele está lindo: “Fazer o PELC para todas as idades, povos...” Aí quando você vai olhar as atividades é futebol, vôlei, basquete e handebol. Digo: “E o lazer dos idosos onde está?” Então, essa parte a gente participa um pouco da seleção, mas assim, damos uma sugestão, o Ministério acata e exige do parceiro ou não. Depois quando está pronto para ser instalado

⁵ Hélder Ferreira Isayama.

⁶ Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

⁷ Coriolano Pereira da Rocha Junior.

é que a formação entra para, justamente, problematizar essas coisas, rever e muitas vezes eles têm até que alterar os projetos, porque os projetos não contemplam o lazer...

M.M. – O que realmente está esperado. E como é que acontece esse seu diálogo de coordenadora com essas pessoas que você coordena?

C.B. – Os articuladores que coordenam os formadores?

M.M. – Isso, os articuladores.

C.B. – A gente faz encontros presenciais, muitos contatos a distância porque hoje em dia, ainda bem... Então é direto, todas vezes que eles estão com alguma dificuldade, que não estão conseguindo conversar com o Ministério, estão com alguma dúvida, eles nos acionam e nos encontros a gente tira encaminhamentos. Agora, por exemplo, nós estamos definindo uma programação referência para todos módulos de todas formações, para ter a segurança. Por que assim, mesmo a gente tendo diretrizes comuns, como cada formador tem um jeito de trabalhar, as entidades estavam nos trazendo como retorno que quando tem formadores diferentes, as coisas ficam diferentes. Então achamos melhor alinhar um pouco e fizemos esse trabalho agora.

M.M. – Entendi, seria padronizar, não é?

C.B. – Isso, padronizar *pero no mucho*.

M.M. – E você falou que começou a atuar nesse cargo agora de 2016 para cá, certo? Digamos que de certa forma...

C.B. – 2017. Em 2016 eu sai do governo e em 2017 eu entrei no doutorado e comecei a atuar.

M.M. – Nós estamos falando de um tempo ainda breve.

C.B. – É, na formação sim.

M.M. – Você consegue identificar quais principais dificuldades ou poderemos dizer assim, desafios que você enfrenta ou encontrou até agora?

C.B. – É...

M.M. – Além da questão política, das crises.

C.B. – Isso que eu ia dizer: “Bom, a crise política nem se fala!” Apesar de que o Ministério, a impressão que eu tenho, é que ele não nos exigiu nenhuma mudança na nossa forma de trabalhar, na nossa parte pedagógica, então, quanto a isso a gente ainda está atuando tranquilamente. A minha preocupação de fato é com a retirada das políticas públicas que envolvem direitos sociais em geral e o esporte e lazer também. Então a gente tem visto uma redução muito significativa de convênios, de recursos, muitas entidades participando dos editais e não acontecendo o posterior conveniamento. Isso desestimula e começa a criar um certo descrédito, não no programa, mas na condição de chegar ao programa. É uma preocupação!

M.M. – E das vantagens, digamos as vitórias, as conquistas, o que você teria a dizer?

C.B. – Falando desde o início, eu acho que aonde o PELC chega e ele é bem implementado, ele muda a visão da cidade em relação a política pública de esporte e lazer. Foi o que aconteceu também na época que a gente fez esse trabalho lá em Caxias, porque até então a gente imagina uma política pública de esporte e lazer como alguns eventos, corridas, campeonatos de futebol, jogos escolares, algumas coisas assim. E a política sistemática, o dia a dia, todas faixas etárias, isso é uma coisa que as pessoas elas não... Porque o direito social ao esporte e lazer só entrou na Constituição de 1988 também, é uma coisa bastante recente e no momento que as pessoas passam a vivenciar isso, elas tendem a incorporar... Eu conheço - a minha mãe mesmo - lá no município de Feliz no Rio Grande do Sul, um dia eu cheguei ela me disse que estava participando de um tal de PELC. E eu falei: “Nossa!” E eu era diretora, me lembro que na época não fui, eu não tenho nada a ver com isso. Depois que o PELC acabou, que já tem muito tempo, nunca mais elas pararam de fazer aquela atividade, com algumas variações. Às vezes o prefeito paga um

profissional pra trabalhar com elas, às vezes elas se cotizam e pagam. Mas nunca mais elas pararam porque elas incorporaram aquilo como um direito que elas têm de se encontrar, seja para fazer yoga, seja para dançar, seja para fazer ginástica, isso vai mudando conforme quem elas conseguem para trabalhar com elas. Mas assim, a tendência quando o trabalho é bem feito é que as pessoas e a cidade incorporem um modo diferente de ver a política pública.

M.M. – E a gente sabe que no Brasil é comum acontecer a criação e o encerramento de projetos sociais. Eu queria você falasse sobre o que você destacaria no PELC, na sua visão... o que o PELC tem que...

C.B. – Eu acho que é justamente essa questão da apropriação, porque no momento que a comunidade participa que é o que a gente prevê, algumas ferramentas que foram amarradas ali justamente por isso: conselho gestor, entidade de controle social, é para que o PELC não seja só do prefeito, daquela pessoa que está lá e que a comunidade se aproprie. No momento que isso acontece... O PELC há um tempo atrás, agora, eu acho que isso também se perdeu porque não está mais tendo mobilização, ele recebia muita emenda parlamentar porque a própria comunidade buscava o deputado já que o prefeito não estava fazendo, buscavam o deputado para propor uma emenda parlamentar. Então assim, no momento que você consegue que a política seja apropriada pela comunidade, fica mais fácil, ainda mais a gente que trata de um direito que não é um direito vital como é a saúde, como é a assistência que garanta a alimentação e etc. A educação que é uma coisa que já está incorporada... A gente depende muito de fato é das pessoas se apropriarem desse direito.

M.M. – Quais os legados que estes projetos trazem para a sociedade?

C.B. – Eu acho que para as pessoas é começar olhar a sua vida incluindo nela também o direito ao lazer, principalmente em públicos que não tem acesso: mulheres, pessoas idosas, que geralmente tem mais dificuldade de acessar o esporte e lazer. E para as prefeituras, que era o grande objetivo de quando o PELC foi pensado, que é justamente mostrar uma forma de fazer política pública de esporte e lazer mais inclusivo.

M.M. – E na sua opinião o que é possível fazer para qualificar mais ainda o programa?

C.B. – Bom, primeiro seria a boa vontade governamental porque eu acho que o programa está muito qualificado. O que ele está perdendo é que, inclusive foi uma das coisas que nós pensamos quando teve toda essa mudança no governo federal: “Vamos abandonar?” Eu até conversava com os colegas: “O o que é que nós vamos fazer com isso tudo que a gente acumulou de conhecimento, de experiência?” É de memória, é porque de fato seria um grande desperdício assim, então sai todo mundo e o programa ia acabar mesmo, porque você conveniando e não tendo toda essa estrutura por trás, vira uma escolinha de qualquer esporte que chegou lá e acabou. Então, eu acho que de fato essa questão de conseguir que ele tenha sobrevivido, que ele tenha continuidade. Agora vai depender de uma articulação, vamos ver o que vai acontecer agora nas eleições, uma articulação política e a outra questão é tentar garantir cada vez mais que a prefeitura que acessou o PELC continue com ele depois, que dê continuidade mesmo não tendo recurso federal. E, como é um direito social, o orçamento do município também tem que ser destinado a isso.

M.M. – E agora falando com a Cláudia além da sua profissão, o que que o PELC trouxe para a sua vida?

C.B. – Nossa, eu acho que não só o PELC assim, a política pública de esporte. Desde que eu entrei no esporte e lazer foi muito significativo porque eu venho da educação e a educação é uma área que é uma área mais dura, você fica discutindo avaliação, você fica discutindo e não vê avanço. No momento que a gente... O esporte e o lazer é uma coisa nova, é uma coisa que se lida com o tempo disponível das pessoas, você lida com desejo, com vontade. Então é uma coisa que traz um retorno muito mais positivo. A minha volta por um ano e pouco para a escola foi muito decepcionante... “Gente eu não acredito que a gente continua discutindo as mesmas coisas aqui na escola...” Claro que eu também voltei para escola com um olhar diferente, ensinar Educação Física para mim passou a ser diferente porque eu passei a incorporar que eu tinha que trabalhar também na pessoa o direito ao esporte e lazer, que ela tinha e possibilidades de acessá-lo, o que ela poderia fazer, como ela poderia descobrir do que que ela gosta. Então mudei também meu jeito de trabalhar como professora de Educação Física. Eu acho que assim... E o PELC só foi, digamos assim, para certa forma complementar, então, eu acho que ele mudou completamente o sentido, tanto que eu estou fazendo doutorado, que eu nunca pensei que

fosse fazer estudando lazer. Embora não tenha, não almejo mais trabalhar na gestão, achando que eu estou preferindo agora trabalhar mais nessa questão mesmo do conhecimento, da sensibilização... Não que eu não ache a gestão importante, é porque às vezes ela é dura demais, a gente se decepciona quando vê que o programa avançou e, do nada, parece que começa a se esvaír. Mas eu sei que as sementes ficaram, tanto que Caxias, por exemplo, a gente saiu do governo tem mais de dez anos e até hoje os núcleos continuam com um formato um pouco mais voltado para o rendimento, algumas coisas modificadas tipo ginástica, menos do que as vivências de lazer, mas continuam. Então, quando a gente vê que a semente ficou também é uma realização...

M.M. – É muito importante quando a população pede para continuar...

C.B. – Em Caxias na reeleição, na época de 2003 para 2004, o candidato da oposição que foi o que ganhou a eleição e que hoje é governador do Rio Grande do Sul, ele fez um programa de tv dizendo que teve que abrir a agenda do programa de tv dele para incluir o esporte e lazer porque ele estava recebendo bilhetes que se ele não dissesse que ele ia manter os núcleos, principalmente com vivência que era onde estava as mulheres e as pessoas idosas, eles não votariam nele. E aí ele abriu um programa de tv para se comprometer que daria continuidade.

M.M. – Que legal essa movimentação política da comunidade. E teve alguma situação que foi muito marcante para você nesse processo dentro do PELC ou então do envolvimento com lazer?

C.B. – Eu acho que essa é uma questão, isso que você falou, é porque nessa época a gente fazia uma construção muito participativa. Que nem eu falei: discutir com a comunidade, fazer conferência, fazer audiência pública, eu acho que essa é uma questão que enriquece muito o trabalho da gente. Eu aprendi a ouvir mais as pessoas, a julgar menos, a tentar entender, fazer a leitura daquela realidade, eu acho que isso foi... E claro, marcante foi o momento em que tudo isso passa a ser questionado como desnecessário, como gasto de dinheiro público. Foi muito decepcionante esse período de 2016, 2017, foi muito decepcionante para a gente que acredita em uma política inclusiva, no direito social e etc.

M.M. – William, você tem alguma pergunta?

W.G. – Não.

M.M. – Muito obrigada Cláudia pelo seu tempo, eu sei que você está super ocupada.

C.B. – Obrigada, vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]